Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 475

I DE MARÇO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acaba hoje o carnaval de 1892 e não será encaixotado nos archivos da Historia Carnavalesca com o rotulo de *Entrudo dos mais animados*.

Tudo se transforma n'este mundo de Christo e o entrudo não tem podido furtar-se a essa lei geral.

De anno para anno se transforma o pobre carnaval e de anno para anno vae deminuindo de animação, de festa, de alegria.

Eu, sem ser muito velho, sou ainda do tempo da *cacarada* em que se brincava o entrudo com laranjas cheias de greda, com tigelas e taxos quebrados; do tempo em que uma das mais delicadas brincadeiras de entrudo consistia em untar os corrimões das escadas, e as argolas das portas com materias pouco cheirosas, que enchiam de nojo as pessoas que entravam em casa, e de alegria a visinhança que espreitava o resultado do seu brinquedo.

Depois a laranja de greda cedeu o seu logar ao ovo de gemma, e era de ver então nos tres dias de entrudo as ruas principaes de Lisboa transformadas em verdadeiras *omelletes*, as paredes dos predios da baixa e do Chiado a escorrerem gemmas de ovos com grande gaudio da multidão e dos possuidores de gallinhas.

O óvo de gemma teve o seu tempo, e depois matou-o o óvo cheio de cal, de cré, de farinha, de pós de gomma, que tinha a vantagem de ser mais barato, e a desvantagem de ser menos aggressivo, porque o óvo de gemma puchado com ancia vasava todos os carnavaes em Lisboa as suas duas duzias d'olhos e quebrava um numero muito edificante de cabeças.

O óvo de cal passou tambem, sendo substituido pelo cartuxo de pós, pelo tremosso, pelo feijão e tudo isto quasi que morreu ao apparecimento da *bisnaga*, que ha um bom par d'annos se tem aguentado triumphante no meio da *debâcle* geral dos brinquedos carnavalescos.

É evidente que o carnaval se tem civilisado, mas á proporção que se civilisa tem perdido a sua animação e a sua alegria antiga.

Não queremos de fórma alguma dizer com isto que fosse d'uma alegria doida quebrar costellas e vasar olhos como era d'antes materia corrente nos dias de entrudo, mas a essas brincadeiras selvagens e brutaes das ruas correspondia uma animação enorme nos bailes mascaras, uma quantidade de prodigiosa de festas publicas e particulares n'essas noites de entrudo, uma serie jovial de diversões, de que de dia para dia se vae perdendo a tradicção.

Parece que desde o momento em que o carnaval deixou de ser selvagem, deixou de ser alegre, e desde que deixou de quebrar cabeças de dia nas ruas, perdeu o gosto a dançar valsas de noite nos bailes.

E senão veja-se a semsaboria colossal dos bailes de mascaras publicos, a ausencia completa de bailes particulares, n'estas noites em que d'antes a gente não sabia para onde se voltar.

É verdade que essa ausencia de bailes e de festas particulares não se nota só no entrudo, nota-se em todo o inverno.

D'antes os invernos em Lisboa eram divertidissimos.

Era rara a semana em que não havia uma ou duas soirées brilhantes; casas fidalgas tinahm semanalmente ou quinzenalmente um dia em que abriam as suas salas á *élite* da população lisboeta. Além d'isso havia sociedades particulares que davam durante o inverno festas esplendidas, como o Club Lisbonense, no Largo do Carmo, cujos bailes eram fallados, como a *Assembléa Portugueza* no palacio do Manuel dos Contos, e alguns outros.

Essas sociedades porém desmancharam-se todas ha que annos e nem veio uma sequer substituil-as; as casas fidalgas apenas entreabrem de vez em quando os suas portas para *soirées* muito intimas, a pequenissimas *coteries*; bailes grandes, bailes em fórma isso é lá vem um apenas no anno e é quando vem.

Ora se o entrudo tem andado n'esta decadencia notavel e progressiva de anno para anno, era

A ACTRIZ AMELIA DA SILVEIRA — Fallecida no Rio de Janeiro, em 1 de Janeiro de 1892

(Segundo uma photographia de A. Bobone)

naturalissimo que o entrudo actual fosse ainda muito mais decadente e semsaborão.

E assim foi, como não podia deixar de ser.

A população de Lisboa não póde ter muita vontade de se divertir com as preoccupações da crise seria que o paiz atravessa, e mesmo que ainda lhe sobeje vontade para se divertir, o que não lhe sobeja com certeza é dinheiro.

E como se isso não bastasse para que o carnaval de 1892 em Lisboa fosse d'uma semsaboria notavel, veio ainda a chuva assustar os poucos que pensavam em se divertir, enxarcar os raros que se atreveram a sahir á rua á procura dos brinquedos carnavalescos ou a exhibir umas mascaras ainda mais reles e semsaboronas do que esses brinquedos.

E foi assim que o carnaval que hoje termina ficará celebre entre todos os carnavaes lisboetas pela sua insipez, e pela sua desanimação, apesar de estas duas qualidades serem ha muitos annos as caracteristicas dos nossos carnavaes.

*
* *

Infelizmente o carnaval de 1892 grangeou em Portugal outro titulo á celebridade alem da semsaboria monotona de que se revestiu em Lisboa: assignalou-se tragicamente no norte do Reino pela colossal tragedia de Leixões.

O temporal que sobre o nosso paiz tem pairado, que em Lisboa se manifestou durante toda a semana com certa violencia, desencadeou-se sobre as costas do norte de Portugal com uma vehemencia inaudita, na madrugada de sabbado gordo.

O mar fóra da barra do Porto tomou um aspecto medonho, terrivel, e ameaçando de morte horrorosa os mil e tantos pescadores da Povoa de Varzim, da Affurada, de Mathosinhos, de Buarcos que nas suas companhas andavam arrancando ao mar traiçoeiro o pão de cada dia para si e para os seus.

Calcula se facilmente o terror que á vista do medonho temporal se apoderou de toda a pobre gente que tinha sobre as ondas furiosas do mar, maridos, paes, filhos, irmãos, amigos; calcula-se bem o panico enorme que se espalhou immediatamente por todas as povoações de pescadores que bordam ali as costas de Portugal.

De toda a parte, surgiam aos bandos familias atribuladas pedindo, banhadas em pranto, cheias de anciedade, noticias dos seus.

E essas noticias eram bem tristes, bem desoladoras!

Sabia-se que todos elles estavam em perigo supremo; de terra, da Foz, de Mathosinhos, de Leixões viam-se dezenas de barcos dançando como cascas de nozes nos cocurutos das vagas, percebia-se que de bordo d'esses barcos onde se passavam n'aquelle momento as shakspereanas tragedias do mar, se faziam signaes angustiosos, desesperados para a terra pedindo salvação, mas infelizmente de terra é que não podia ir essa salvação porque a força do mar era tanta que não deixava sahir os mais arrojados.

E depois via se desapparecer no seio das ondas esses barcos, via-se os tripulantes luctando com a morte, e depois d'ali a pedaço o mar vinha trazer á praia, embalados nas vagas, os cadaveres d'aquelles que matara!

E a cada cadaver que apparecia era um *De Profundis* formidavel de gritos, de dôr, de lamentos, de imprecações de desespero.

A' hora em que escrevemos faltam-nos ainda noticias minuciosas da colossal catastrophe que veiu encher de lucto, de lagrimas e de miseria as povoações mais sympathicas, mais trabalhadoras, mais heroicas de Portugal, mas o que se sabe já pelos ultimos telegrammas é que o numero de mortos ascende já a 108 e que parece que não ficará por ali.

E senão ha ainda muitos promenores, alguns que ha já, são profundamente desoladores; por exemplo:

Na Povoa de Varzim uma mulher casada com uma das victimas, e que estava prestes a ser mãe ao saber que o marido morrera ficou em tal estado de consternação que se receia muito pela sua vida.

Outra mulher que perdeu um filho no naufragio enlouqueceu e percorre desvairada as ruas da Povoa abraçando-se a toda a gente que encontra e pedindo no meio de lagrimas que lhe dêem seu filho.

Ha casas na Povoa onde morreram todos os homens da familia.

Um dos mais valentes pescadores da Povoa, o Francisco Nicolau, um heroe que ainda ha pouco foi condecorado por ter salvo outro pescador, andava no mar com o seu barco tripulado por 22 pessoas.

D'essas 22 pessoas só se salvaram 2, uma, agarrada á canna do leme, e o Francisco Nicolau que chorava como uma creança de dôr e de desespero por não ter podido salvar os seus companheiros.

No Porto é profunda a consternação e trata se já com toda a actividade de angariar esmolas para as familias das victimas.

Lisboa com certeza não ficará de braços cruzados ante essa enorme desgraça e já hoje, que escrevemos, se annuncia um bando precatorio da imprensa, promovido pela redacção do jornal a *Batalha* a favor das victimas.

S. M. El-Rei e Sua M. a Rainha a Sr.ª D. Amelia apenas souberam da terrivel desgraça que cahiu sobre as povoações maritimas do norte mandaram chamar o sr. Presidente do Conselho de Ministros para que lhes desse noticias minuciosas da catastrophe declarando ao mesmo tempo Suas Magestades a S. Ex.ª que queriam contribuir, quanto lhes fosse possivel, para minorar a desgraça das familias dos infelizes pescadores.

Honra seja ao rei e á rainha de Portugal.

Gervasio Lobato

AMELIA DA SILVEIRA

Ha cousa de treze para quatorze annos, appareceu uma noite a fazer beneficio no theatro dos Recreios, d'esses malogrados Recreios Whytoine que tão curta vida tiveram, um rapaz que era muito conhecido no mundo dos bastidores lisboetas, e que ha annos andava lá pela provincia.

Esse rapaz era o Apolinario d'Azevedo, que já ha annos dorme o grande somno. Intelligente, activo, fura-vidas, Apolinario d'Azevedo nunca mandriou, e nunca foi feliz, coitado!

Tentou varias carreiras e todas com alma, e todas lhe falharam. Foi typographo, foi actor, foi auctor dramatico, foi ensaiador, foi pintor, foi uns mezes representante dos auctores dramaticos francezes em Lisboa, mas no tempo em que ninguem pensava ainda em comprar peças, foi tudo isso e no fim morreu lá pela provincia onda andava, como mico *dela legua*, a representar pelas pequenas localidades com companhias ambulantes.

Eu tinha conhecido muito Apolinario d'Azevedo, annos antes, quando elle era ensaiador e actor no theatro da Rua dos Condes, na empreza de José Torres, onde Sousa Bastos começou a fazer as suas revistas e a Pepa a fazer o seu caminho; chegára mesmo a collaborar com elle na traducção d'uma comedia de Gondinet que elle ali levára em seu beneficio e que tivera uma unica representação, como era de esperar d'uma peça de Goudinet, no theatro da Rua dos Condes.

Quando vi nos cartazes do theatro dos Recreios uma recita em beneficio de Apolinario, que chegára da provincia e se apresentava como actor n'uma comedia n'um acto, e como pintor fazendo em cinco minutos um quadro — coisa que um francez que estivera no circo puzera em moda então — fui aos Recreios.

Apolinario pintou o tal quadro e representou a comedia, que era uma velha comedia de Labiche, que tivera grande nomeada quando representada pelo Santos e pela Emilia Letroublon e que depois se tornára uma verdadeira *sceie* em theatros de curiosos — *Convido o coronel*.

Na comedia, Apolinario representava com uma actriz nova, natural de Portalegre, que viera com elle da provincia e que Lisboa nunca tinha visto.

Essa actriz chamava-se Amelia da Silveira.

O papel era difficil de mais para ella, mas entretanto na sua maneira de dizer no seu jogo scenico havia o quer que fosse, que demonstrava logo que não estava ali uma nullidade. Além d'isso Amelia da Silveira era bonita, nova, e apesar d'uma certa *gauchené* provinciana, via se que era elegante e distincta.

Apolinario d'Azevedo apresentou-me á nova actriz e d'ali a dias procurou me para me dizer que ella se tinha apresentado á empreza de D. Maria e para me pedir que fallasse em seu favor a qualquer dos empresarios. N'essa mesma noite encontrei na rua da Prata o João Rosa e fallei-lhe com empenho na Amelia da Silveira.

A causa d'ella estava já quasi vencida antes de eu fallar. O theatro precisava de actrizes para segundos papeis e a Amelia da Silveira foi logo escripturada.

Não me lembro em que peça ella debutou, mas lembro-me perfeitamente de que peça foi em que o publico a viu pela primeira vez, que nem theatro um artista representar ou ser visto pelo publico não vem a ser a mesma coisa.

Essa peça que foi para assim dizer o seu *debute* e que foi ao mesmo tempo o seu grande triumpho no theatro, foi a *Sociedade onde a gente se aborrece*.

O papel de miss. Lucy na famosa comedia de Pailleron foi desempenhado por Amelia da Silveira magistralmente e teve todas as honras d'uma verdadeira creação.

A nova actriz foi logo posta em evidencia e ganhou as suas esporas d'ouro n'esse seu primeiro combate serio. D'ali por deante Amelia da Silveira achou-se mettida em todo o reportorio novo do theatro de D. Maria, fazendo papeis importantes, sempre com muita distincção e muita sympathia do publico.

Um dos seus ultimos papeis foi o de sogra, na *Belle maman* de Sardon e em que ella se houve notavelmente.

Muito distincta, muito bem posta sempre, vestindo com uma elegancia consumada, ninguem reconhecia n'ella já a provinciana *gauche* que nós tinhamos visto no *Convido o Coronel*, e muito intelligente e com muita vontade de saber, Amelia da Silveira estudava com afinco, trabalhava com alma e fazia dia a dia progressos notaveis.

Por duas vezes fôra ao Brazil onde se dera muito bem e onde fôra muito estimada e applaudida pelo publico.

No anno passado, a fatalidade metteu-lhe na cabeça a triste idéa de voltar ao Rio de Janeiro.

Para lá foi no verão, com tenções de se demorar, e lá ficou morta pela febre amarella.

Amelia da Silveira tinha apenas 34 annos!

Era muito cedo para morrer, coitada! e sobretudo quando a fortuna lhe sorria, quando de sociedade com o actor Eugenio de Magalhães era emprezaria d'um theatro, que ia fazendo avultadas receitas, quando como actriz ia ganhando terreno e sendo victoriada em papeis culminantes do grande reportorio.

A febre amarella que das outras vezes a respeitára attacou-a d'esta vez e com tal violencia que apezar de todos os cuidados dos melhores medicos do Rio de Janeiro, a matou em oito dias.

E no dia 1 de janeiro ultimo quando o anno começava para todos a vida acabava para Amelia da da Silveira.

Que descance em paz!

G. L.

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

NO PORTO

A exposição de bellas artes, que continua a ser promovida por um grupo de artistas e que se acha installada no salão do Atheneu Commercial, está este anno mais interessante que alguns annos anteriores, devido isso não á maior quantidade de quadros, mas á variedade dos que se exhibem.

Para isso contribuiu sem duvida a concorrencia de varios artistas de Lisboa, entre os quaes se contam alguns de incontestavel merecimento.

O mais importante e certamente o melhor quadro da exposição, é o de Marques de Oliveira, «Esperando os barcos».

Em uma das nossas praias, uma rapariga sentada na areia, alonga a vista pelo mar fóra, á espera do barco de pesca, que partira de manhã.

Proximo d'ella, dois pequenos grupos de mulheres, conversam, aguardando tambem a chegada dos barcos.

A figura da rapariga caracterisa perfeitamente o typo das nossas mulheres da beira-mar.

Desenhada com essa correcção, que é uma das grandes qualidades de Marques de Oliveira, o colorido das carnes, requeimadas pelas ardencias do sol, é de uma verdade e além d'isso de uma suavidade de tom encantadores.

A attitude naturalissima, a expressão da physionomia, e a pericia com que estão reproduzidas as roupas, contribuem para que esta téla seja do genero d'aquellas que mais se admiram quanto mais se vêem.

De resto, uma excellente atmosphera, perspectiva extensa e justa e conjuncto harmonioso que impressiona.

Além d'este quadro, o illustre professor expõe mais tres cabeças de estudo e algumas pequenas paizagens.

Das cabeças, não sabemos bem por qual optar, tão boas nos parecem todas. Uma, a que se acha com o n.º 62, e que tem uns restos de roupas por acabar, agradou-nos immensamente não só pelo typo de mulher do campo, como pela delicadeza e vigor da carnação. Outra, a de uma rapariga da beira-mar, é fidelissima igualmente como caracter, extremando-se ainda pela execução magistral do pincel. A terceira, finalmente, a de uma rapari-

guinha da aldeia, delicia-nos pela sua candura e pelo tom geral do colorido.

Das paizagens, feitas todas com uma observação rigorosa de artista, impressionou-nos sobretudo como mancha, a das «Habitações de pescadores na Povoa de Varzim», pelo contraste alegre do branco, encarnado e verde, que se confundem e harmonisam admiravelmente sem offuscamentos flagrantes da vista.

As outras paizagens são em grande parte impressões rapidas de varios pontos de Caldellas, executadas com mais ou menos felicidade.

Antonio José da Costa, continua a encantar-nos com os seus primorosos quadros de flôres.

As «Arthemisias» (n.º 26) são de uma frescura e de uma verdade de colorido surprehendentes. Agradaveis tambem, mas de menor merecimento como pintura, as outras «Arthemisias» (n.º 25) Interessantes as «Peonias e rosas», e muito boas as «Camelias e mimosas».

Além dos quadros de flôres, Antonio José da Costa, expõe varias télas de pequenas dimensões, tudo recordações de diversos sitios do Gerez. Nem todas ellas são boas, devendo destacar-se como das melhores a que tem por titulo: «Da janella do hotel».

Guiseppe Cellini, que o anno passado tão mal nos impressionou com as suas obras estapafurdias, apresenta-se este anno muito bem.

«Baixa-mar», é a sua *machine à sensation*. Um pedaço de costa maritima, em que por entre os rochedos se espalham pedaços de agua azulada.

A factura é um tanto scenographica, havendo enormes empastes de tintas, mas não obstante isso, o quadro tem boa perspectiva e muita côr local, produzindo o todo uma impressão agradavel.

Melhores, a nosso vêr, os dois quadrosinhos que se intitulam «Paizagem de algas» e «Rio Lethes».

São duas télas cheias de poesia, no meio da sua encantadora desolação de perspectiva.

N'uma é magnifico o effeito avermelhado do sol poente e n'outra as claridades indecisas da lua que desponta no firmamento. Nos dois quadros referidos, além da belleza da mancha, ha qualidades de observação muito justa e muito artistica.

Do mesmo artista ha ainda mais outros quadros de pequenas dimensões, dos quaes destacaremos os «Fontainhas» e «A córar os linhos».

Apesar do aspecto de aguarella que teem essas pinturas, aspecto que mais se acentua por estarem as télas cobertas com vidro, possuem ellas um movimento e uma verdade de copia tão palpitante, que se veem com o maximo agrado.

Julio Costa, como desanimado por ter visto em exposições anteriores, mal compensado o seu labor e as suas aptidões, limita-se este anno á apresentação de um retrato em meio corpo, tamanho natural.

Excellente esse retrato, não só pela similhança irreprehensivel, como pela perfeita caracterisação do individuo, excellente côr, e bem cuidado desenho. É um bom pedaço de pintura.

Marques Guimarães tambem enviou apenas uns tres ou quatro quadros. O principal é um retrato de homem, em meio corpo, de uma fidelidade de reproducção magistral. Desenho, carnação e individualidade, é tudo quanto se póde exigir de melhor. Este retrato póde dizer-se que é o mais perfeito que o distincto artista tem pintado.

Dos outros quadros, apenas apontaremos o das «Maçãs», que são verdadeiramente appetitosas.

Ezequiel Pereira, faz grande honra ao seu mestre, Silva Porto, nos trabalhos que exhibe, quatro paizagens, que se intitulam «Tapada da Ajuda», «Cruz Quebrada», «Azinhaga do Arieiro» e «Collares».

Os tres primeiros, principalmente, possuem qualidades que revelam, a par do muito merito do author, uma excellente orientação artistica.

N'essas paizagens nota-se uma magnifica visão do pintor, perfeitamente educada, o que lhe permitte traduzir com arte e graça a expressão da natureza Em algumas d'essas télas ha ainda bom ar, muita luz e observação meticulosa.

Julio Ramos é tambem um paizagista de grande futuro.

Expõe umas oito télasinhas, em muitas das quaes patenteia progressos notaveis não só de observação como de factura.

«Ao fim da tarde», por exemplo, é um bello quadro, e outro tanto diremos do «Estudo de Vizella», «Pela manhã», «Um trecho do Vez», «Arredores da Villa dos Arcos», etc.

Julio Ramos foi ha poucos mezes para Paris, afim de continuar n'aquelle grande centro da arte, os seus estudos. Com o exemplo dos bons mestres e com as felizes disposições que patenteia para a pintura, esperamos vêl-o em breves annos, um paizagista de primeira ordem.

José de Almeida e Silva, expõe nada menos de dezeseis quadros, em todos os generos.

Pena é que a quantidade não corresponda á qualidade.

A obra de Almeida e Silva é muito desigual Na figura a sua modelação é quasi sempre dura e e secca, e o colorido pouco justo e exagerado.

Na paizagem, se tem um ou outro trecho agradavel e pintado com certa felicidade, outros ha de uma pobreza de observação e de execusão desoladora.

Dos quadros que este anno apresenta, indicaremos como os melhores «O rio de Ovelha, em Padrovello», «Um moinho, no logar do Buraco» e «Uma casa rustica». Estão igualmente bem pintados os seus tres quadros de natureza morta.

Silva Porto continúa a ser o nosso primeiro paizagista.

O «Rio de Portosello (Santa Martha)» é uma magnifica téla, luxuriante de vegetação, rica de côr, e de uma tonalidade geral surprehendente.

Muito interessante igualmente o quadro «Na praia», um pequeno episodio da beira mar, surprehendido com a maxima felicidade e executado com toda a pericia.

Do mesmo modo lindissimo a «Primavera (arredores de Lisboa)» e igualmente boa a «Beira mar (Setubal)».

Antonio Baeta expõe cinco quadros. Entre elles notam-se uma «Cabeça de velho» muito expressiva e desenhada com acerto, e duas bonitas paizagens, em que se presentem as excellentes disposições do artista para este genero de pintura. Bom ar e consciente estudo do natural.

De Augusto Barradas, referir-nos-hemos apenas «á Marinha no Barreiro», muito alegre de côr, pelo contraste vivo dos tons, minuciosa em todos os seus pormenores e de um bello aspecto.

A sua «Ribeira de Algés», tambem possue qualidades recommendaveis.

Antonio Conceição Silva expõe uma galante «Cabeça de rapariga», expressiva, de excellente côr e bem desenhada.

Foi menos feliz, no que diz respeito a factura, na «Cabeça de rapaz».

Christino da Silva expõe dous quadros rasoaveis, mas pintados com uma certa indecisão.

Os dous trabalhos de Domingos Costa, resentem-se da tonalidade geral pardacenta, mas não obstante isso revelam aptidão por parte do artista.

Pedro Guilherme dos Santos Diniz, exhibe tres marinhas, todas ellas de uma execução delicada e bem observadas.

É de um bello movimento a «Canôa de pesca», excellentes os «Barcos de pescadores» e de todo o ponto apreciavel a «Mulêta do Seixal».

As marinhas do sr. Pedro Diniz destacam-se pela suavidade dos tons e pelo seu aspecto gentil.

Arthur Prat expõe dous quadros, que se bem que muito sinceros na observação e execução, teem comtudo uma sensivel falta de ar livre, revelando ao mesmo tempo pouco conhecimento do *métier*, por parte do seu author.

Adolpho Rodrigues exhibe tres quadros, dos quaes o melhor é uma deliciosa «Cabeça», em que ha exuberancia de vida, e bello colorido.

Guido Richter expõe duas cabeças de estudo e um «Amor e Psyché». Este ultimo quadro é bastante amaneirado, de um desenho pouco consciencioso, sendo a modelação de uma das figuras bastante seca, e offerecendo o todo da téla um aspecto muito aproximado da oleographia. No emtanto não deixa de attrahir os olhares dos profanos.

O que não parece do mesmo artista são aquellas duas cabeças de estudo, verdadeiramente detestaveis.

João Vaz expõe dous quadros: «Praia de Troine», muito bom e «Um portico manuelino», perfeitamente reproduzido nas suas minudencias architectonicas, vendo-se um grupo de populares que sahe do templo. O tom geral da téla é porém demasiado frio, pelo *gris* que resalta de todo o quadro

Torquato Pinheiro enviou tres quadros: dous estudos «Ribeiro de Penoncos», um dos quaes, o n.º III é de um bello effeito e «Pedreiros», que possue qualidades de observação e de factura muito apreciaveis.

Finalmente Eduardo Teixeira expõe dous retratos em meio corpo, tamanho natural.

Com a sua maneira especial, que ás vezes prejudica o effeito geral das suas pinturas, que apresentam um aspecto como o da tinta ter sido raspada logo depois de collocada, os retratos d'este artista não deixam de ter merecimento pelo modo como são desenhados. Dos dous que exhibe agora, o da senhora está bastante desiquilibrado, o que produz um effeito deploravel.

E temos fallado da secção de pintura.

Em esculptura apenas se apresenta um retrato em busto (gêsso), de Carlos Leituga.

O retrato está similhante e a modelação não deixa de ter merecimento pela firmeza e cuidado com que está feita.

Porto, fevereiro.

Manoel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

FABRICA DE VIDROS NA AMORA

Esta fabrica é de recente fundação e póde contar-se que ella faz parte importante do renascimento da industria portugueza, fomentado n'estes ultimos tres annos, depois que o nunca esquecido *ultimatum* de 1890, veio acordar este paiz para uma nova vida, estabelecendo uma forte corrente em favor do trabalho nacional, como o mais forte esteio da nossa authonomia, a verdadeira riqueza das sociedades modernas, o que lhes dá toda a preponderancia, que as descobertas e aventuras d'outros tempos já lhes não permitte.

Hoje as artes e a industria é tudo; n'ellas se basea o progresso, essa febre continua de inventar, produzir e melhorar, n'um profiar constante, incansavel, que espalhando-se por toda a Europa, dominando na America como no seu grande centro, procura tenazmente levar o seu influxo até á Africa, á Asia, a toda a parte, pela necessidade imperterivel que tem de se espandir e dominar.

N'esta lucta pela existencia, as sociedades mais cultas dominam as mais atrazadas e fazem d'ellas suas tributarias, recebendo enormes sommas em troca dos productos que lhe vendem, resultando o empobrecimento das segundas para enriquecer as primeiras.

Ora, n'estas circumstancias, Portugal é dos paizes que maior tributo está pagando, porque sendo dos paizes que melhor aceita todas as innovações que lhe vem do estrangeiro, dos que mais aprecia todas as commodidades que o progresso tem trazido, nem por isso tem procurado, como outros, nacionalisar e desenvolver essas artes e industrias que fornecem aquellas commodidades que elle tanto aprecia e de que tanto necessita.

E' por isto que devemos saudar com viva satisfação toda e qualquer industria nova ou aperfeiçoada que se estabeleça no nosso paiz, porque n'isso vae a sua emancipação da industria de estranhos, porque n'isto está o desenvolvimento da riqueza publica.

Foi em 1888 que os srs. José L. da Silva Gomes, Justino Guedes e Jayme Gilman, fundaram uma empreza para estabelecer uma fabrica de vidros na Amora, especialmente dedicada ao fabrico de garrafas.

Não era empreza facil, principiando pela falta de pessoal habilitado para a explorar devidamente.

Entretanto a fabrica fundava se n'uma propriedade do sr. Gomes, denominada Quinta das Lobetas, na Amora, á beira do rio, defronte da Arrentella, e o pessoal operario era contratado na Allemanha.

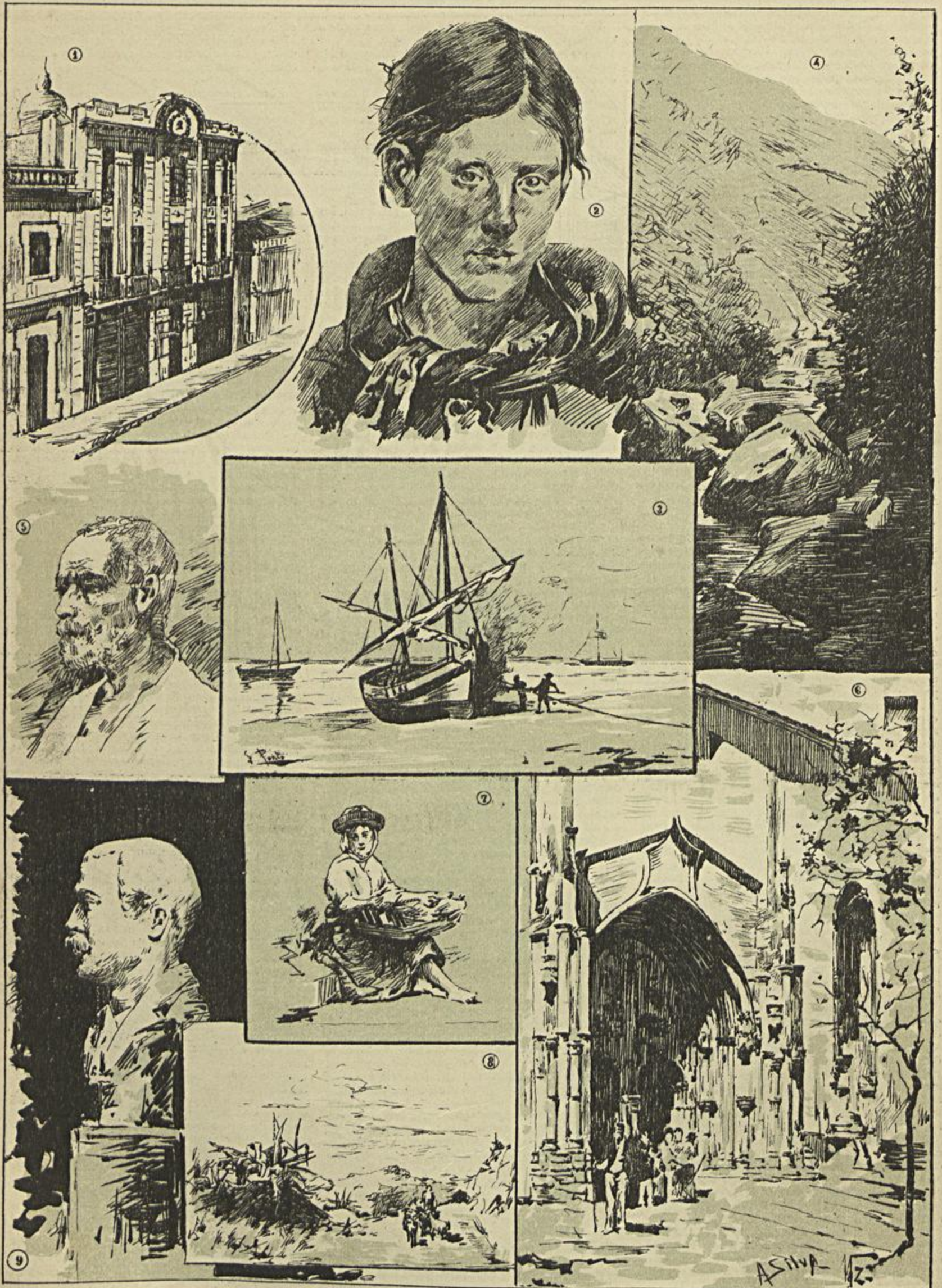
Em 1889 esta empreza passou a uma companhia, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com o capital de 10:000$000.

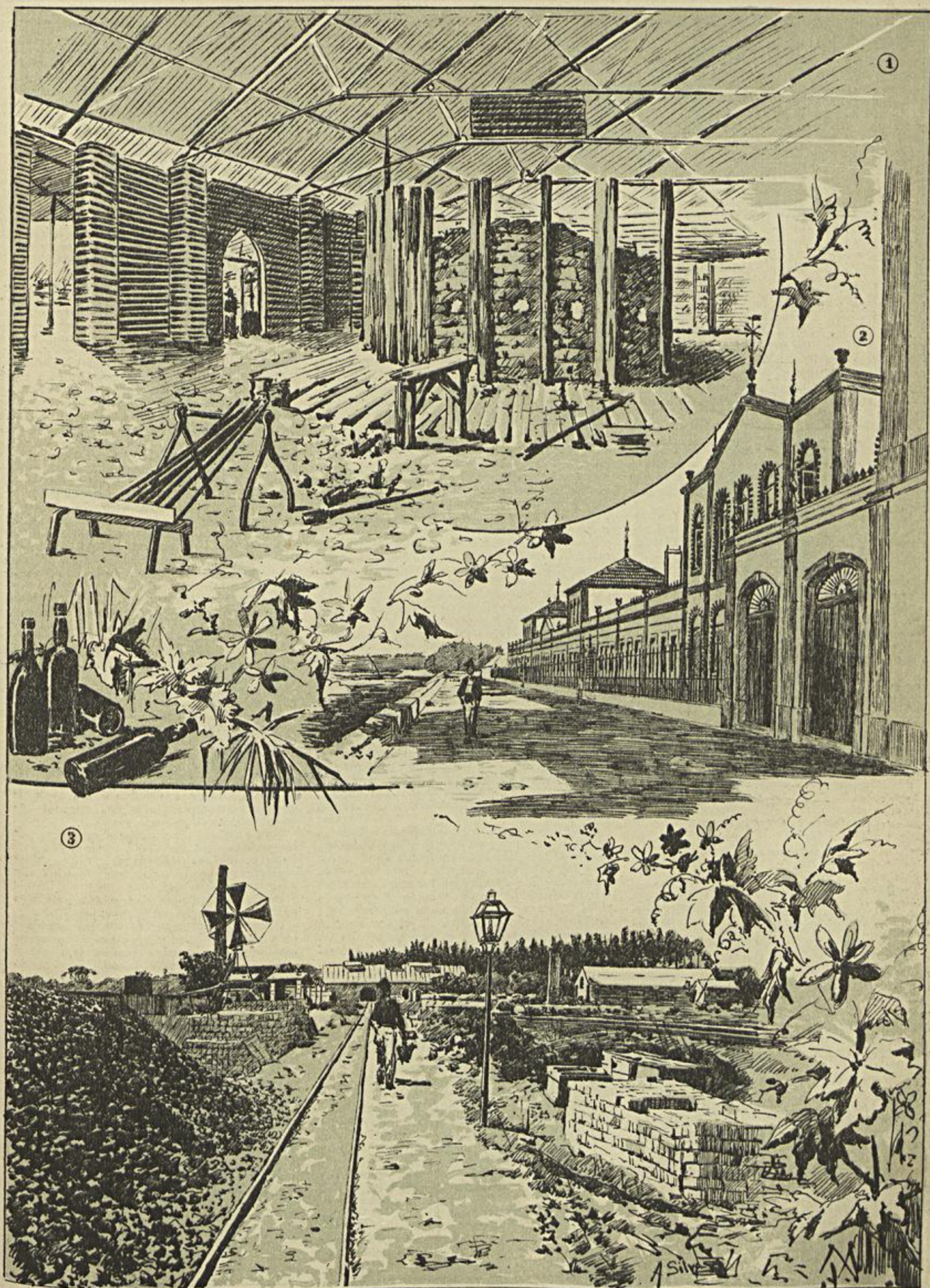
A fabrica occupa uma área de 33.000 metros quadrados na Quinta das Lobatas, tendo ainda alugadas em uma propriedade visinha, 17 casas para alojamento de 80 individuos, sendo 32 operarios allemães e 48 pessoas de familia dos mesmos.

São estas habitações que mostra o desenho n.º 2 da nossa estampa e junta está a casa onde os operarios se reunem: uma especie de club, com leituras, jogos, etc.

A edificação principal d'esta fabrica é um forno a gaz que produz diariamente 90 toneladas de vidro, o que dá 8:000 garrafas de vidro ordinario, ou, aproximadamente, 2:400.000 garrafas por anno. Para a producção, porém, ser maior, é preciso construir novos fornos, mas só se poderão fazer se as novas pautas concederem qualquer protecção, por pequena que seja, aliaz teremos de continuar a importar da Allemanha 4:500.000 garrafas, para satisfazer ao consumo annual do paiz que está calculado em 7:000.000.

Parece-nos importante o evitar-se tal importa-

EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES NO PORTO

1 *Atheneu Commercial.* — 2 *Cabeça de Estudo* de Marques de Oliveira. — 3 *Na beira mar*, quadro de Silva Porto.
— 4 *Poço das Pallas, (Gerez)*, quadro de de A. J. Costa. — 5 *Cabeça de Velho*, de A. Baeta. — 6 *Um portico manuelino*, quadro de J. Vaz.
7 *Varina*, quadro de Adolpho Rodrigues.
— 8 *Asinhaga do Arieiro*, quadro de Ezequiel Pereira. — 9 *Busto do Ex.mo L. J. R.*, esculptura por C. F. Leituga.

(Desenhos de A. Silva)

1 O FORNO. — 2 CASAS DE HABITAÇÃO DOS OPERARIOS. — 3 VISTA EXTERIOR DAS OFFICINAS.

FABRICA DE VIDROS, NA AMORA

(Desenhos de A. Silva)

ção que representa pelo menos 90:000$000 de réis, de uma industria que o paiz pode satisfazer perfeitamente com uma pequena protecção aduaneira, pois que esta fabrica já hoje compete vantajosamente com os preços das garrafas francezas e inglezas, produzindo ainda mais barato que as fabricas hespanholas, e só não póde ainda competir com os preços allemães, porque a Allemanha tem as maiores fabricas do mundo; fabricas com 30 fornos, que produzem 50:600 000 de garrafas por anno, que tem o capital de 1:200.000$000 e mais, e que tem operarios ganhando uma terça parte do que aqui ganham, além do carvão de pedra lhe custar tambem um terço, e dos transportes de Hamburgo para Bremen serem mais baratos que de Lisboa para o Porto, por exemplo.

Alem do forno que mencionámos tem esta fabrica diversos barracões para escolha e emballagem, 12 productores de gaz que chegam para alimentar 3 fornos, escriptorio, forno para tijolo, cosinha, cocheira para os animaes de tracção, etc.

Emprega 40 garrafeiros, sendo 32 allemães e 8 portuguezes, que já substituem 8 ajudantes allemães que passaram a mestres; 50 aprendizes, 20 trabalhadores, 8 fogueiros, 1 carpinteiro, 2 pedreiros, 8 mulheres, 4 ferreiros e serralheiros.

A companhia conta poder, em tres annos, ter parte dos garrafeiros portuguezes, fazendo o sacrificio presente de dar 240 réis diarios a cada aprendiz e uma refeição forte e abundante, para que tenham a robustez precisa, e mais tarde terem um officio em que poderão, sem difficuldade, ganhar 1$500 réis diarios.

A média do jornal de cada garrafeiro allemão é, em 5 dias ou 6 noites por semana 18$000 réis, pagando a companhia na razão de 3 marcos por cada cento de garrafas, preço superior ao que se paga na Allemanha em que o operario recebe marco e meio e menos, por cada cento de garrafas.

O director technico da fabrica é o sr. Guilherme Gilman, engenheiro, e o conselho de administração é composto dos srs. Justino Guedes, José da Silva Gomes e Jayme Gilman.

Os productos d'esta fabrica tem tido a melhor acceitação, do que dá prova o seu bello catalogo, que apresenta 41 typos de garrafas differentes acompanhados de honrosas declarações dos consumidores, todos concordem em reconhecer a excellencia do fabrico.

Bem merece, pois, toda a protecção uma industria perfeitamente nacional, pois só importa para o seu fabrico o carvão de pedra de que consome 10 toneladas por dia, o que bem podia ser tambem nacional se se tratasse de explorar o que ha no paiz.

A gravura da pag. 56 representa a installação da fabrica na exposição da industria portugueza que ultimamente se realisou na cidade do Porto.

E' um gracioso obellisco composto de garrafas, formando uma enorme garrafa.

PODER DA VONTADE

(CONTO MEDIEVAL)

(Continuado do n.º 474)

Tirou do cinto a pequena caixa mysteriosa, comprimiu o botão e ouviu sem esforço a palavra — avança.

Obedeceu.

Antes de chegar á porta, luzido pagem d'armas adiantou-se á frente da muralha e pediu-lhe o nome.

— Ali-Amrú Ben-Abubekre, disse o aventureiro moço, com ar de orgulho pela nobre raça dos Abubekre da qual descendia.

— Sôes pretendente á mão da vassalla do senhor d'estes dominios feudaes? perguntou o pagem d'armas.

Ali-Amru consultou o apparelho magico e respondeu:

— Sim: são esses os meus intentos.

A ponte baixou lentamente. O arauto fez soar por tres vezes consecutivas a reluzente trombeta, e, em breve, o nobre castellão em pessoa, seguido de grande comitiva, veiu recebel-o á entrada do solar, que já vira desapparecer mais de tres gerações de guerreiros medievaes.

Após as apresentações ordenadas pela etiqueta da epocha, o suzerano fallou assim;

— Deveis saber, cavalleiro, que a bella e joven Arminda é feudataria aos dominios da minha vasta suzerania e, como tal, não pode casar sem o meu consentimento. No entanto, como a sua formosura e incalculavel riqueza a tem feito alvo de muitos cavalleiros poderosos de todas as nações do mundo conhecido, resolvi abrir concurso á sua mão, por provas publicas, em presença de um tribunal a que presidirei. O mais valente, o mais sabio e discreto conquistará a posse de Arminda, dos seus vastos territorios e dos thesouros, que seus antepassados amontoaram.

Ali-Amrú, que já tinha de prevenção o seu fiel amigo, respondeu, depois de o consultar:

— Dignae-vos, senhor, inscrever-me no numero dos candidatos. Quando resolveis dár começo ás provas do concurso?

— Amanhã mesmo.

— Felizmente cheguei a tempo.

A torre do castello acabava de dar o signal do meio dia. Era a hora do jantar. Ali-Amrú foi guiado até á sala das refeições, onde uma vasta e lauta mesa, fornecida das mais variadas e appetitivas iguarias, desde logo lhe atrahiu a attenção, recordando-lhe que ha mais de vinte e quatro horas não tomava alimento algum. Na sala havia já uma multidão enorme de cavalleiros de todas as edades e de todos os paizes, que só esperavam pelos nobres castellães para occupar os seus logares.

N'isto Arminda deu entrada, conduzida pela mão do muito nobre senhor feudal.

Era deslumbrante a dama. O rosto de uma alvura de leite, que mais fazia sobresahir n'ella a formosura dos olhos, semilhando dois bellos diamantes negros, estava emoldurado em madeixas de annelados cabellos côr de azeviche.

Os labios rosados, sorrindo graciosamente, deixavam vêr a finura dos dentes, que mais pareciam fio de perolas do que pequeninas lascas de pulido marfim.

O collo de neve, bem torneado, promettia as volupias do mais fino velludo da Persia em que Ali-Amrú desejaria, repousar as palpebras cerradas dos seus olhos, que a viam como apparição phantastica ou encarnação de um dos seres sublimes de belleza, que tantas vezes lhe emballaram os somnos de mancebo audacioso dormidos nas margens do saudoso Chat-el-Arab.

Junte-se a toda esta plastica a riqueza mais que oriental do seu vestuario de princeza, e teremos a razão do deslumbramento porque passou o moço, que ficára em extasis apatétado, sem consciencia do mais que se passava em torno de si.

E não era para despresar a um espirito escrutador, critico, bem humorado, o que n'aquelle momento se passava na sala em torno d'Arminda, centro de todos aquelles satellites, que gravitavam em volta d'ella, como astro de corpolencia infinitamente pequena, em volta do sol, esse grande centro do systema planetario.

E, com effeito, era digno de observar-se como aquelles homens de crenças e de costumes tão diversos se encontravam todos animados de um pensamento unico — o de achar agrado na presença d'aquella mulher em que tudo era fascinador, começando pela sua pessoa e acabando no ultimo dos seus castellos da Picardia, que delimitava os dominios das suas terras occidentaes, embora para isso tivessem de descer ao mais sordido e vil servilismo.

E Ali-Amru lá estava estupidamente collado ao pavimento, a olhar para aquella belleza com uma fixidez de tolo, de idiota que mettia dó vêl-o.

Já todos tinham occupado os seus logares á mesa e elle ficava ainda em estulta contemplação!

Esta attitude não podia deixar de o fazer notado pelos convivas, que, apanhando-o de surpreza e comprehendendo o motivo do espasmo saloio romperam em estridula e onisona gargalhada.

Ali-Amrú como que acordou com o ruido estrepitoso das casquinadas; viu o abysmo do seu ridiculo; purpurisou-se até á raiz dos cabellos e envergonhou-se de si mesmo, levando instinctivamente as mãos ao rosto para o occultar.

Este acto tão espontaneo, tão natural foi a sua salvação.

Como sustentava n'uma das mãos o apparelho phonographico, a acção de o comprimir contra a face fez que tambem se primisse o botão-despertador, e que Ali-Amrú podesse escutar distinctamente o mentor que lhe dizia:

— Não sejas parvo! Para que te extasias a olhar para ella? Queres cahir no mesmo ridiculo de todos esses homens, que te observam, e que viste correrem a beijar o chão que pisa? Não faças caso d'ella, se queres que te distinga.

Ali-Amrú fez um supremo esforço sobre si para obedecer ao conselheiro amigo. Lembrou-se do bom do velho, que lh'o confiára; encheu-se de fé e de coragem e foi occupar o seu lugar, que era fronteiro ao da formosa Arminda.

Sentou-se, fixou os olhos no prato que lhe serviram, como se todos os seus pensamentos se concentrassem unicamente no saboroso pitéu.

A verdade, porem, era que Ali-Amrú perdera o appetite.

Mas, como não largara da mão o seu fiel talisman, ainda d'esta vez, e por um acto de movimento casual, elle foi novamente chamado á realidade pela voz, que dizia assim.

— Queres imitar esses espantalhos, que se limitam a contemplar a belleza da mulher, que, como caçador morto de fome, devora as melhores iguarias sem lhes dar importancia alguma? Ora come, não sejas imbecil, e verás como a ella lhe chega a occasião do fastio.

Ali-Amrú resignou-se e principiou a comer por quatro.

Succedeu o que lhe fôra predicto.

Arminda, reparando que o novo commensal dava mais apreço ás tortas de viado e aos empadões de faizão do que á sua belleza, da qual tinha infatuado orgulho, ficou evidentemente contrariada, e, para vêr se lhe seria possivel captar a attenção do hospede, começou a deixar correr o variado serviço de mesa sem mais lhe tocar.

Ali-Amrú resolvido, porem, a não transigir por fórma alguma com o vivo desejo que sentia de a admirar, fez que nada via e só prestava attenção ao prato e á taça.

Foi tal o estado de excitação nervosa que se produziu na dama em presença da insultuosa indifferença do mancebo, que, pretextando um incommodo, retirou-se da mesa, jurando lá no intimo do seu coraçãosinho de mulher offendida no ponto mais sensivel dos seus brios, que em breve tiraria uma desforra tremenda.

A' noite, a horas de ceia, occasião em que pela etiqueta o mancebo deveria ser-lhe apresentado, já ella desenvolvia e punha em pratica todos os meios de seducção, mas Ali-Amrú, previamente instruido pelo seu dedicado mentor, limitou-se a fazer-lhe um leve comprimento, e afastou-se logo para junto da larga chaminé, onde pujantes madeiros alimentavam um fogo consolador.

Por mais que a conversação se generalisasse Arminda fazia-a em breve trecho recahir na pessoa do recemvindo, o qual, respondendo delicadamente aos interrogatorios da bella castellã, evitava, todavia, com muita finura satisfazer o que lhe pareciam curiosidades estimuladas pelo amor proprio profundamente magoado.

E Arminda, cada vez mais despeitada, febril, cheia de estremecimentos nervosos, deliciava-se então em atormentar atrozmente, sem piedade, os desgraçados pretendentes, que a enchiam de lisonjas fastidiosas, incipidas, massadoras, que a aborreciam, e cada vez a estimulavam mais á crueldade.

No dia seguinte haviam de principiar as provas dos candidatos, a primeira das quaes deveria consistir na defeza d'algumas theses em que se discutiriam os mais intrincados problemas sociaes do tempo.

Era a prova da erudicção.

Foi por este motivo que se resolveu terminar cedo o serão d'aquella noite, afim de que os candidatos podessem concentrar o seu espirito, e dispol-o convenientemente para o torneio litterario e scientifico do outro dia.

Será escusado dizer que Arminda passou uma noite tormentosa, não se lhe apagando da imaginação o bello e mysterioso mancebo, que tão indifferente se mostrara aos attractivos e fascinações da sua formusura.

Deixemos a trista na sua insomnia e sigamos o apaixonado discreto candidato improvisado.

Ia triste e cabisbaixo, o rapaz, pensando na figura tristissima que deveria fazer no dia seguinte em competencia com aquelles homens, que, naturalmente haviam passado uma parte da vida compulsando os grandes manuscriptos das sciencias d'essa era.

— Estou perdido, dizia elle comsigo: seria, talvez, mais prudente retirar-me a occultas, aproveitando o silencio da noite.

N'isto lembrava-se da bella Arminda e arrepellava os cabellos com visivel desespero.

De repente occorre-lhe consultar o seu pequeno phonographo.

Recolheu-se ao quarto, fechou cuidadosamente a porta, tomou do apparelho e disse-lhe meigamente:

— Agora sim; agora é que desejo saber até onde pode chegar a tua dedicação. Falla, amigo, falla.

E o phonographo fallou assim:

— Toma a luz e dirige-te á bibliotheca do castello onde ha tantos livros como de garrafas de bom vinho pode haver na mais bem fornecida adega. Vae, não te demores.

Ali-Amrú tomou da luz e, sem que lhe esquecesse o sabio mentor, lá se foi até á bibliotheca do castello.

A vista dos livros assim dispostos em longas filas mais o atormentou.

— Quantos annos me não seriam necessarios para interpretar todos aquelles livros de pregaminho? As poucas horas de que posso dispôr não seriam sufficientes para lêr sequer os rotulos das obras! Vejamos, vejamos o que me aconselha o meu fiel amigo:

E, collocando sobre a mesa o microscopio apparelho, primiu o botão de marfim.

— Não te assustes com as apparencias, lhe disse o phonographo, todos estes volumes são como as nozes verdes; tem mais casca do que miolo. Extrae-lhe a essencia e terás trabalho para meia hora... Abre a gaveta da mesa, tira d'ella um estylete de fino aço, que lá deve estar, prefura com elle a capa de cada livro sem que te importe estragares as valiosas encadernações, e recolhe em uma taça o liquido que se esgotar, no qual se conterá a essencia do que n'elles houver de mais util. Feita a operação ingere o liquido e cuida apenas em dormir com tranquillidade.

Dito e feito. Ali-Amrú furava os livros e aparava o extracto.

Uns produziam pouco e outros nada, absolutamente nada.

Ao fim da operação a taça não estava meia.

Tomou o liquido, que não teve difficuldade em ingerir e, visto não haver mais que ali o retivesse, foi-se aos seus aposentos.

Apenas lá chegado um somno invensivel o assaltou rapido; deitou-se sobre o leito, fechou as palpebras e dormiu profundamente.

O despertar do dia seguinte foi-lhe um verdadeiro assombro.

Recordando-se dos acontecimentos da vespera começou a perceber com grande pasmo que todas as sciencias e todas as linguas se achavam compendiadas no seu cerebro, como se lá estivessem escriptas, e que a palavra lhe corria fluente como se fôra Domosthenes ou Eschines.

Levantou-se prompto e foi gosar aquella inesperada felicidade nos jardins do castello.

Em breve Arminda appareceu ali tambem, mas o seu aspecto era triste, repassado de melancholia, que se lhe traduzia no rosto por seus sulcos escuros, que lhe assombreavam as palpebras e por um tom pallido, que lhe dava um aspecto de belleza não menos seductor do que a sua primitiva alvura.

Os cavalleiros que aspiravam á sua mão, e que formavam uma côrte numerosissima, vieram logo presorosos a indagar das causas de soffrimento tão visivel.

— Estou triste, respondeu ella, porque n'aquella arvore apaixonado rouxinol soltava todas as manhãs namoradas endeixas, que me povoavam a alma de um prazer infindo, e desde hontem que não tornei a ouvir os seus maviosos gorgeios.

A avesinha ingrata abandonou-me levando comsigo toda a alegria da minha vida!

E a infeliz dava livre curso ás lagrimas, que lhe corriam pelas faces consternadas!

(Continua.)

A. Motta.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXVII

DEVERES DE HONRA

Luiz chegára ao *terminus* das suas aspirações.

Que lhe restava já para ver realisados todos esses bellos projectos de amante e de pae, que por tantos annos havia simultaneamente architectado e destruido na sua imaginação?

E poderia te rjá a certeza da victoria?

Não podia falhar-lhe, de um momento para o outro, essa realidade que elle estava prestes a tocar-lhe com as mãos?

Os calculos por mais positivos falham!

Quantos planos bem formados abortam?

O destino, que nos ultimos annos parecia querer estar de seu lado, não poderia agora, por um d'esses caprichos inexplicaveis, desmoronar todo esse bello idéal, como se fosse um simples castello de cartas?

Emilio, é verdade que estava vivo e entregue a um honrado sacerdote, que só aguardava que lh'o reclamassem para d'elle fazer entrega.

Porém Anna da Soledade?

Estaria effectivamente restituida á razão, ou seria esse annuncio d'uma proxima cura o enganadouro diagnostico de uma felicidade para sempre destruida?

Quiz esperar resignadamente pelo completo restabelecimento de Anna.

Depois da annullação do casamento e da sentença do divorcio, isto é, depois de dada ao mundo a satisfação plena de que a culpa só a ella victimará; e explicada á auctoridade civil e ecclesiastica a auctorisação que Fernando Telles recebera de Villiot para fazer conduzir Anna da Soledade ao hospital da Misericordia, a ex-morgada recebeu ordem de poder sair do hospicio e foi para a propriedade de D. Angelica Ferreira Lobo, onde não só encontrou as commodidades indispensaveis ao tratamento melindroso que se lhe tornava preciso seguir, como tambem os carinhos d'uma boa e desvellada mãe.

Luiz passava agora algumas horas junto de Anna e Fernando vinha de Beja a Louredo visital-os duas ou tres vezes durante o mez.

Algumas semanas depois da installação de Anna em casa de D. Angelica veiu o abbade de Baleizão trazer Emilio.

Foi commovedora a scena entre mãe e filho.

Anna esteve por muito tempo abraçada a Emilio sem poder articular uma unica palavra, tal era a commoção violentissima que lhe embargava a voz n'aquelle momento solemne.

Por momentos o riso misturou-se-lhe com as lagrimas e os soluços que lhe agitavam o peito n'uma convulsão desesperadora deixou abalados até ás lagrimas os circumstantes.

Fernando que estava presente afim de prevenir qualquer crise que sobreviesse, sentiu-se arrastado a crer que similhante facto iria não só demorar a cura mas talvez ainda obrigar a doença a voltar a um periodo mais grave.

Felizmente as predicções de Fernando Telles não se realisaram. A commoção de Soledade, é verdade que fôra violenta, porém as suas faculdades não se resentiram, e até pelo contrario, d'ali em deante as melhoras accentuaram-se mais francamente e Luiz poude adquirir a certeza de que em poucos dias a cura de Anna estaria completa.

Emilio ajudara em muito essa cura.

Nunca abandonando sua mãe e prodigalisando-lhe os carinhos e as meiguices do seu genio docil e amoravel, era n'elle que Anna concentrava agora todas as preoccupações do seu espirito.

Quando Luiz vinha estar algumas horas com Soledade, o que todos os dias se dava, como acima dissémos, Emilio duplicava de alegria e ou a mostrar-lhe os livros, onde lia as lições do dia seguinte, ou o abraçava repetidas vezes, em transportes verdadeiramente infantis, mas aonde se revelava a expansão da sua alma educada no soffrimento, mais feliz agora do que outro que desde o alvorecer da vida nunca tivesse sentido a falta dos affagos carinhosos de seus paes.

Emilio não era já a mesma creança que vimos em casa de Pedro Miguel e nos primeiros mezes em casa do abbade de Baleizão.

Com a mudança de tratamento e com os maus tratos transformados em salutares conselhos, Emilio começara em casa do abbade a sua transformação physica e moral; transformação que se completara agora com os beijos quentes do amor materno e com a protecção amiga de seu pae.

Emilio não era já a creança enfesada e doentia, de faces pallidas e cavadas. Perdera tambem o espectro sombrio e triste.

Emfim se as manifestações da alma de Emilio eram indicativo d'esse bem estar que só dá a felicidade, a apparencia agora d'aquelle rosto carminado e risonho não eram thermometro menos accusador da saude que se ia apossando d'aquelle organismo tão contrariado a principio no seu desenvolvimento.

E era notando estas mudanças e combinando o futuro de seu filho que Luiz e Anna passavam as horas em que estavam juntos.

Que differança d'estas entrevistas d'agora comparadas com as de ha oito annos no parque do solar do morgado de Louredo.

Agora não era já a linguagem ardente e enthusiasta do coração que elles fallavam, mas a da estima propria; a linguagem reflexionada de quem, pondo de parte as inspirações amorosas, tinha a preoccupal-os o futuro de um ente que estremeciam, de um ente que era o seu orgulho; em quem tinham concentrado todas as aspirações e que desejavam tornar o mais feliz dos mortaes.

Louvavel ambição de quem sabe amar como deve a alma da sua alma o sangue do seu sangue.

E' no amor dos filhos que verdadeiramente se educa e se levanta a alma humana. N'esse amor concentram-se todas as abnegações, todos os sacrificios e não ha heroismo que espante nem perigo que assuste, quando se é inspirado por elle.

....

No dia 15 de maio de 1810 a egreja de Santa Clara de Louredo estava regorgitando de gente. Cá fóra ouviam-se os sons plangentes do orgão.

Tratava-se de uma cerimonia religiosa, e essa cerimonia um casamento, em que era ministro assistente o abbade de Baleisão.

Horas depois estava terminada e pelos convidados que compunham o cortejo, que era tudo que havia de maior nome na provincia do Alemtejo, via-se a qualidade dos noivos e a consideração de que elles e suas familias ali gosavam.

Era o casamento de Luiz com a ex-morgada que ficou d'ali em deante usando o appellido dos Ferreira Lobo.

Só houve uma nota triste e discordante no meio da alegria geral e da felicidade dos dois esposos.

Litta a quem Anna perdoára e a quem offerecera casa e pão debaixo dos seus tetos, uma linda vivenda que Luiz tinha comprado em Valbom, havia sido encontrada pelos criados morta quando lhe levavam a comida, e este acontecimento empallideceu um pouco a festa das nupcias.

Anna e Luiz na alegria do presente haviam esquecido as lagrimas do passado e não conservavam por Litta resentimento algum, tanto os havia impressionado o arrependimento da cigana e a sua extrema miseria em tão avançados annos.

Na cerimonia nupcial figuraram como testemunhas Gustavo Telles e Fernando Telles e D. Angelica Ferreira Lobo.

Oito dias depois do casamento Emilio era reconhecido como filho legitimo de Anna e Luiz, o que ia um pouco além do que a lei estatuia sobre as perfilhações, porém Ferreira Lobo exigente em excesso no cumprimento do que elle chamava os seus deveres de honra, trabalhou e conseguiu obter das auctoridades civis a certidão em regra da legitimidade de Emilio.

D'esta fórma seu filho não teria no futuro que corar por essa culpa que lhe dera o ser.

Julio Rocha.

O CRANEO DE MOZART

Mozart, o grande maestro, não foi mais feliz na sua morte que outros grandes inspirados, cujos corpos foram lançados á vala commum, sem um epitaphio que indicasse o logar do seu jazigo.

Por um feliz acaso, porém, parece que se não perdeu o craneo do inspirado Mozart, e aquelle se acha em poder do sabio physiologo Hysti.

De como este professor alcançou tão preciosa reliquia, é o que se vae saber.

Hysti tinha um irmão mais velho, chamado Jayme, muito apaixonado pela musica e cheio de excentricidade. Jayme adoeceu gravemente e seu irmão foi para junto d'elle como desvelado enfermeiro.

A doença, infelizmente era de morte, e Jayme conheceu que estava chegado ao termo da sua vida. Confiou então a seu irmão o seguinte segredo:

— Quando a nossa mãe morreu, sabes que senti bastante essa morte e que durante muitos annos fui diariamente visitar o seu tumulo. Durante esse tempo travei conhecimento com o coveiro do cemiterio, e percebi que o pobre homem tinha como eu a paixão da musica

«Tinhamos grandes conversas sobre maestros e suas obras, e uma tarde em que chuvia, recolhi-me em casa do coveiro, o qual estava bastante adoentado. Então elle contou-me que seu pae tambem tinha a mesma predilecção pela musica, e que tendo assistido em um domingo a uma missa que Mozart escrevera ainda criança, ficára profundamente impressionado.

«Poucos dias depois, a 5 de dezembro de 1791, teve de enterrar um caixão na tampa do qual leu o nome de Mozart. Nunca mais esqueceu o logar onde fizera aquelle enterramento, e dez annos depois, quando a valla foi revolvida para mudar os despojos mortaes que ali jaziam, elle apoderou-se do craneo de Mozart, que guardou cuidadosamente e legou por morte ao filho.

— Tenho-o ali, disse-me o coveiro apontando paro um armario, e vou confial-o ao senhor, porque sinto que está para breve a minha partida d'este mundo.

E dizendo isto tirou do armario um embrulho que me entregou.

— E' o mesmo que eu faço agora. Sinto que está proximo o meu termo, e por isso ahi te entrego essa preciosa reliquia que conservarás como eu a tenho conservado.

E eis como o craneo do grande Mozart chegou ás mãos do illustre sabio Hysti!

REVISTA POLITICA

As propostas de fazenda passaram na camara dos pares como já tinham passado na camara dos

deputados, com a pequenina differença de serem menos discutidas agora, apenas umas piadas que suscitaram umas explicações entre dois dignos pares, e lá ficou tudo approvado.

Não basta, porém o sacrificio de novos impostos para restabelecer o equilibrio do orçamento, muito mais é preciso para que esse sacrificio, que se diz passageiro, não fique como todas as coisas provisorias do nosso paiz, continuando o thesouro a sustentar quantas sinecuras e arranjos a boa politica por cá tem criado, porque isso seria o cumulo da immoralidade, pedir sacrificios ao paiz em nome da salvação publica, e afinal salvarem-se sómente os *arranjos*.

Crê-mos bem que é muito mais facil ao governo lançar impostos do que limpar o orçamento de todas as verbas superfulas que tem. Este trabalho é o mais difficil, porque contende com as influencias politicas e todos sabem quanto essas influencias valem n'este circulo vicioso em que a mesma politica vive.

Fallou-se que seria discutido d'esta vez o orçamento, esse orçamento mysterioso de que não se conhecem os promet nores não sabemos ha quantos annos, mas parece, que tal não acontecerá, e teremos ainda d'esta vez a lei de meios, porque se diz não haver por emquanto tempo para mais.

Pois estamos certos que o orçamento bem esmiuçado, bem apurado em todos os seus particulares, faria as revelações mais extraordinarias, tão extraordinarias, que, talvez, não fosse depois facil resignar o contribuinte a fazer novos sacrificios.

Quando se levanta levemente uma pontinha do veu que encobre o tal orçamento, fazem-se logo revelações curiosas, como as que alguns dignos deputados e pares do reino tem feito no parlamento, mas para logo tambem se deixa cahir o veu, porque são mais os interessados em cobrir do que em descobrir.

E é por estas causas e outras, que o orçamento não vem á discussão por cousa nenhuma d'este mundo, e ha muitos annos se dá por desculpa a falta de tempo, apesar de terem havido sessões parlamentares de seis mezes e mais

D'esta vez é a discussão das pautas que absorve o tempo, discussão que tem sido curtada por outros assumptos, e que afinal parece interessar muito pouco os membros do parlamento.

Tem-se feito sessões com o menor numero possivel de deputados e essas mesmas abrindo tarde e fechando cedo, por não haver numero sufficiente para se proceder á votação.

Parece que um forte desanimo invade os representantes da nação n'esta época de vaccas magras que vamos atravessando, e tudo leva a crêr que esta sessão não irá além do tempo marcado pela lei, se o parlamento não fechar antes por falta de ter em que se occupar.

INDUSTRIA PORTUGUEZA

Installação da fabrica de vidros da Amora, na Exposição Industrial do Porto

(Segundo photographia)

Ao governo, porém, não falta que fazer e não sabemos se as reformas que prometteu ainda virão ao parlamento n'esta sessão, apezar d'essas reformas serem tão urgentes como as propostas de fazenda que foram approvadas; mas, tornamos a repetir, essas reformas são muito mais difficeis de fazer do que as propostas de fazenda, e d'ahi as mil hesitações, as duvidas, as conferencias, as preoccupações em que o governo tem andado continuamente para conseguir talvez bem pouco do que é preciso para tornar em realidade a tal vida nova tão fallada e pedida pela voz publica.

E emquanto prepara as suas reformas, lá por fóra, os possuidores de titulos de divida portugueza, reunem-se para conferenciar sobre a attitude que devem tomar, perante a deducção que essa divida vae soffrer.

Em Londres, em Berlim, e em Paris, effectuaram-se differentes reuniões para tractar d'aquelle assumpto, e, por ultimo, reuniram-se varios delegados em Paris, que nomearam uma delegação para vir a Lisboa conferenciar com o governo portuguez.

Parece que esta delegação não vem auctorisada a concluir nenhum accordo, mas simplesmente saber quaes as propostas do governo, para as apresentar em uma nova reunião de delegados que se effectuará em Paris.

E eis a altura em que se acham as negociações com respeito á divida externa, que felizmente é menor que a divida interna, mau grado dos financeiros de cá que a queriam levar á gloria, se os deixassem.

A ultima noticia que temos a dar aos nossos leitores é a do decreto suprimindo o ministerio do sr. Arroyo, quer dizer, o ministerio da instrucção publica que se diz já estar assignado.

Póde-se dizer d'este ministerio que morreu antes de ter nascido, o que não quer dizer que passasse sem ter ministro especial, e todo o pessoal necessario e inutil.

Pessoal teve elle: produzir é que não chegou a produzir nada, isto é, sempre produziu despeza para o thesouro, de algumas dezenas de contos de réis, se não foram centenas.

Mais valia que o sr. Arroyo continuasse a partir carteiras no parlamento, porque sempre ficava mais barato.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, vol. XXXIX, dezembro de 1891, 2.ª serie n.º 6. Coimbra. Publica os seguintes bellos artigos: — *Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo*, por Abel Andrade. *Algumas observações ácerca dos §§ 3.º e 4.º do art. 380.º e outros artigos do codigo civil portuguez*, por José Maria de Mello Mattos. *Algebra* (Ao sr. J. C. Medeiros), por Junio de Sousa. *A universidade de Montpellier e a eschola de agricultura*, por J. A. Henriques. *Versão dos carmes de A. Tibullo*, por A. A. *A' beira da sepultura de Francisco Gomes de Amorim*, por José Frederico Laranjo. *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho. *Poesias de auctores portuguezes em livros de escriptores hespanhoes*, por Sousa Viterbo.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41